

ENSINAMENTOS DA CAMPANHA DA COREIA

VI

Ten.-Cel. MICHELET

Traduzido, data pênia, da "Revue Militaire d'Information" de abril de 1953, pelo Tenente-Coronel FLORIANO MOLLER.

VI — OS MORTEIROS E OUTRAS ARMAS

a) Os morteiros.

Seria injusto não conceder aos morteiros, a parte que lhes cabe nas perdas infligidas ao inimigo e, de um modo geral, no sucesso que a potência de fogo permitiu às forças das Nações Unidas. Os morteiros americanos de 60 mm (3 por companhia), 81 mm (4 por batalhão) e de 4,2 polegadas (12 por regimento), formam uma gama de valores perfeitamente escalonados no que se refere à potência dos projetis, a zona de segurança dos estilhaços, o alcance e o peso do material.

Mas, se os morteiros de 60 e 81 mm são armas portáteis, isto é, "armas dos cumes", o morteiro de 4,2" mesmo desmontado em seus elementos constitutivos, continua bastante pesado para ser transportado a braço alguns metros além do ponto de estacionamento das suas viaturas de transporte.

O morteiro pesado é então, fora de dúvida, uma arma amarrada às estradas e, portanto, uma "arma dos vales". Neste assunto, os chineses não estão mais avançados com o seu 120 mm e, em que pese o que possa ter sido alardeado, nunca foram bem sucedidos no propósito de levar seus morteiros pesados até os cumes, no dorso de homens. Nun-

ca se viu mesmo, um só chinês ou norte-coreano transportando um morteiro de 120 em suas espaldas.

Seria o caso de se substituir a artilharia pelos morteiros? Não é uma tarefa simples: mesmo que se decuplicasse a dotação de morteiros de 60 e 81 mm, não chegaria nunca a atingir uma potência de fogo comparável ao de uma boa artilharia. Uma outra vantagem da artilharia é a de trazer suas munições em viaturas até junto às suas posições, ao passo que é preciso levar a munição dos morteiros leves e médios até às posições no cimo das montanhas, o que só é viável a braço.

b) Necessidade do alcance.

O morteiro pesado estaria em condições de superar o obus de 105, tendo em vista a potência de seus projetis, a sua precisão e a sua cadência de tiro. Entretanto, para executar essa tarefa, falta-lhe a característica principal: o alcance.

A preocupação que se tem na defensiva é a da frente que cada arma é capaz de bater, isto é, a porção de linha de combate que a mesma pode proteger com seus fogos. Segundo a forma clássica do "triângulo equilátero" essa frente é sensivelmente igual ao alcance máximo da arma. É esta, aliás, a vantagem primordial do armamento de longo alcance.

Assim sendo, conclui-se que o morteiro pesado não pode bater senão uma frente de 4 a 5 km. Isto é pouco para um petrecho regimental, considerando-se que um regimento se instala frequentemente numa frente de 10 a 15 km. Em geral esta falha não é notada, uma vez que cada regimento de infantaria é apoiado por um grupo de artilharia capaz de bater uma frente de 13 km. Mas, no dia em que se suprimisse essa artilharia, cometer-se-ia um grave erro de cálculo. Na Coreia, especialmente, é impossível, somente com petrechos pesados, apoiar a totalidade da linha de combate, porque não se dispõe de vales em que se pudesse colocar os morteiros pesados em bateria, de modo a cobrir todo o front.

Por outro lado, se o projétil explosivo de 4,2" vence em eficácia o do 105 mm, o mesmo não possui a potência destrutiva dos calibres superiores sobre as fortificações de campanha. Ele então não seria capaz de substituir a artilharia pesada.

Enfim, o morteiro pesado é incapaz, por si só, de assegurar a contra-bateria, isto é, a proteção da infantaria amiga contra a artilharia adversa. Quaisquer que sejam ou tenham sido os sucessos do morteiro inimigo de 120 mm, os sino-coreanos não exitaram em empregar os obuses de 122 e 152 mm tão logo puderam obtê-los.

Em vão se tem feito pouco caso do alcance, mas é ele o responsável pelo sucesso da artilharia, assegurando a sua intervenção instantânea, tanto em largura quanto em profundidade.

c) As demais armas.

Os canhões sem recuo de 57 e 75 mm, recusados como armas anti-carro tentaram sua reclassificação como artilharia leve. Nêles tudo lhes faz falta: potência, alcance e sobretudo precisão; conservam entretanto seu valor como armas de apoio a curta distância.

Assinalemos a propósito que o 105 americano, sem recuo, em fase experimental nunca fêz aparição na Coreia. Uma vez que o mesmo não

pode deixar as estradas, está, *ipso facto*, incluído entre as "armas dos vales".

Por outro lado, o canhão sem recuo não pode se deslocar e atirar senão sobre jeep. Sua trajetória tensa não lhe permite atirar à maneira da artilharia e dos morteiros pesados. Se ele tivesse falhado nos vales para o tiro direto, é bem provável que não tardasse a ser substituído em virtude da enorme chama e da nuvem de fumaça que acompanha o disparo da granada nas armas desse tipo.

Os lança-rojões múltiplos talvez possam ser chamados a substituir a artilharia, mas, somente a partir do dia em que atingirem a, mesma precisão às mesmas distâncias e bem assim quando se tornarem um pouco menos identificáveis.

VII — MOBILIDADE

a) Mobilidade e potência de fogo.

A mobilidade está destinada a supplantar a potência em quaisquer condições? Temos bastante dúvida, pois que, antes de tudo é a potência de fogo que mata o inimigo e não a mobilidade.

A potência de fogo tem um valor intrínseco, sem prejuízo da mobilidade que lhe é própria. A mobilidade, ao contrário, não tem nenhum valor por si só. Ela não tem expressão, senão na medida em que se lhe aplica uma certa potência de fogo, ou melhor, na proporção em que ela seja a mobilidade de tal potência de fogo. É necessário uma maior potência de fogo, mas não é necessário que a totalidade desta potência de fogo seja dotada do máximo de mobilidade.

b) A mobilidade do lado inimigo.

Cometer-se-ia um grande equívoco se se pensasse que um exército do tipo sino-coreano do início das operações, ou seja de um exército onde tudo se transportava a braço de homem, constituísse um modelo de mobilidade. Nos pequenos escalões, evidentemente, um batalhão ou um regimento descansados podem percorrer 20 km na

montanha, com bastante rapidez e, surgirem num ponto em que não sejam esperados.

Mas, muito depressa a fadiga dos homens estanca uma tal unidade. Por sua vez, desde que tenha sido engajada e consumida a maior parte de sua munição, a mesma é incapaz de se recompletar por seus próprios meios. É preciso fazê-la substituir ou ultrapassar por uma unidade descansada — é o que o inimigo tem sempre feito e isto não é, já o salientamos antes, um modelo de economia de forças. Nos altos escalões a penúria dos meios de comunicações obriga a dar as ordens para uma operação de Exército ou Grupo de Exército, com uma antecedência de, pelo menos, três semanas, e no decurso de uma reunião de todos os chefes interessados. A penúria dos meios de transporte e a falta de mobilidade estratégica obriga a iniciar os movimentos para tomada do dispositivo das unidades com pelo menos quinze dias de antecedência, e bem assim a distribuição da munição e dos viveres. É desse modo que os planos chineses para as duas ofensivas de primavera foram conhecidos dos aliados, em todos os seus pormenores, com uma semana de antecedência, tanto pelos conhecimentos de agentes quanto pelo fenômeno do *build-up* (1) revelados pela observação aérea. Concede-se a extrema lentidão e a falta total de surpresa que este sistema provoca nos altos escalões. Disso resulta uma inaptidão quase total para explorar o êxito, fazer a perseguição ou em modificar os planos preestabelecidos em caso de fracasso desses mesmos planos.

A despeito das aparências, o sucesso dos aliados foi mais devido a uma mobilidade bem superior de suas reservas conduzidas em viaturas de um lado e outro do *front* para fazer face a um determinado golpe ofensivo. Em um teatro europeu recair-se-ia fatalmente no caso bem conhecido de um Exército a pé ultrapassado e desbordado por

um Exército mecanizado. Se bem que, num tal teatro, a potência de fogo conserva todos os seus direitos, está claro que a verdadeira mobilidade aí assumiria um papel bem mais importante que na Coreia.

Mas, para encerrar esta exposição, temos a declarar que os próprios chineses não são mais partidários dos Exércitos levemente equipados e transportando tudo no dorso de homens; atualmente eles são nitidamente partidários de um Exército ricamente dotado de carros, de artilharia auto-propulsada, artilharia tracionada, média e pesada, meios especiais de Engenharia e de comunicações e sobretudo de viaturas para transportar os suprimentos e a tropa.

Os adversários puderam até aqui realizar seu desejo, por duas razões: insuficiência dos fornecimentos de material soviético e a ameaça que faria pesar a aviação aliada sobre um Exército mecanizado, agora que os exércitos sino-coreanos haviam logrado subtrair-se em grande parte aos golpes desta aviação, graças precisamente à sua falta de material motorizado.

Não é então em virtude de uma escolha maduramente refletida ou duma doutrina bem definida que os sino-coreanos deram, e conservam, a seus exércitos a forma que adotaram. Essa fórmula lhes foi imposta por certas condições independentes de sua vontade.

VIII — ARTILHARIA E APOIO AEREO

Os sucessos alcançados pela Aviação Tática na Coreia, por mais brilhantes que tenham sido no decurso da primeira fase, foram amplificados e exagerados pelos jornalistas, em virtude do seu aspecto espetacular, sobretudo comparados com os atribuídos à Aeronáutica inimiga, mais modesta, porém não menos eficaz e nem menos temida. A Aviação constitui uma potência de fogo considerável, mas a sua ação é ocasional e de curta duração.

(1) *Build-up* — concentração de tropas e instalação de depósitos avançados de suprimento em vias de um ataque.

A artilharia é a potência de fogo de todos os instantes, capaz de agir a qualquer momento, tanto de dia quanto à noite, com chuva, neve, cerração, — em espaços consideráveis, sem limitação de duração. Apenas terminada uma salva, a artilharia está pronta a repeti-la imediatamente ou a efetuar uma outra, enquanto que o avião, uma vez lançadas suas bombas ou seus foguetes, têm que retornar à sua base. A artilharia não tem nenhuma dificuldade em identificar seus objetivos, porque conhece seu terreno e, uma vez seu fogo regulado sobre um determinado ponto do terreno, num dado setor, pode transportar seus tiros sobre qualquer outro objetivo sem ter necessidade de o ver.

Por outro lado, a artilharia está permanentemente à disposição do combatente de primeira linha, enquanto que o avião raramente está à disposição daquele que dele necessita, no momento azado. Evidentemente, se o avião pudesse estar disponível, à discreção e permanentemente, em qualquer lugar e a qualquer instante, seria a arma ideal que eliminaria todas as demais. Mas, estamos ainda bem longe de cogitações de tal teor.

a) *O apoio aéreo na guerra de movimento.*

No decorrer da primeira fase das operações, as intervenções do apoio aéreo foram eficazes, sempre que possíveis, porque os aviões encontravam objetivos eminentemente remunerativos para seus fogos: carros, tropa em movimento ou fracamente enterradas.

A 1 de fevereiro de 1951, cerca das 4 horas, na região denominada "Dois Túneis", o batalhão francês e um batalhão do 23º RI americano são atacados por três regimentos chineses, os quais chegam quase a cercá-los. As oito horas, mais ou menos, o ataque cessa; aparentemente, os chineses julgam ser preferível escapulir antes do nascer do dia e da chegada dos aviões. Mas, o dia surge com um teto extremamente baixo; os chineses tranquilizados, retomam o ataque

com mais ímpeto e ao meio-dia chegam a colocar as tropas amigas numa posição bastante precária, quando bruscamente lá pelas dezesseis horas o nevoeiro se some e o teto se eleva. A pressão inimiga cessa quase imediatamente e sem demora, a intervenção dos caça-bombardeiros precipita a retirada dos chineses para o Norte. Esta intervenção foi decisiva, mas se demorasse ou não chegasse a tempo, a situação das tropas amigas teria sido bem crítica.

Pode-se multiplicar desse modo, os exemplos de ações extremamente penosas e precárias, executadas à noite ou com fraca visibilidade e teto baixo, bruscamente transformadas em sucesso pela chegada dos aviões e que eventualmente, alguns minutos mais tarde se tornaram outra vez penosas, pois a seguir o tempo se tornara coberto novamente ou então era a noite que cobria o terreno, inapelavelmente.

Na ofensiva, muitas vezes, a expectativa de um "air strike" que finalmente nunca chegava, só seria para retardar consideravelmente as operações.

No decurso da segunda ofensiva de primavera a participação do apoio aéreo aproximado foi certamente brilhante, mas não tanto quanto um novo aspecto do apoio aéreo que viria de ser pôsto em ação algumas semanas mais tarde: o bombardeio noturno pelo radar. Emprega-se para este fim os bombardeiros leves "B 26" carregados o mais das vezes com bombas de fragmentação. O objetivo, em geral uma importante concentração de tropas é dado sob a forma de um retângulo. A formação em vôo é registrada por um pôsto de radar em cujo "ecran" a posição dos aviões vem se inscrever. As indicações de direção e o sinal "Lançar as bombas" são dados pelo rádio.

Esses bombardeios executados a alguns quilômetros além das linhas causaram perdas bem severas às unidades de reserva inimigas localizadas em fim de jornada pela observação terrestre e aérea.

b) *O apoio aéreo em frente estabilizada.*

O início da segunda fase assinalou uma reviravolta completa dos valores admitidos, a respeito do apoio aéreo aproximado. Contra as fortificações de campanha construídas pelo inimigo, o emprego das metralhadoras, foguetes, napalm e bombas leves dos bombardeiros, mostraram-se totalmente ineficazes.

Por sua vez, sempre que um "air strike" era anunciado e, para evitar que um avião fosse acidentalmente atingido pelo feixe de uma espoleta de proximidade, o tiro de artilharia era suspenso numa área de dimensões padrão, circular ou retangular, em torno do objetivo.

Desde o mês de agosto de 1951, no curso das operações de Taeu-San, de Bloody-Ridge e Heartbreak-Ridge, alguns Comandantes de RI recusaram permitir, sequer por dez minutos, a suspensão do tiro de sua artilharia, preferindo passar sem um "air-strike" de que sabiam com antecedência a sua ineficácia. Tomou-se então o hábito de montar as operações sem apoio aéreo, o que não se tinha visto até então; daí originar-se a N.G.A.: "Não haverá apoio aéreo". Esse pessoal talvez fosse muito cabeçudo, mas a verdade é que não dispensaria seu apoio de artilharia por toda a aviação do mundo.

Nessa ocasião passaram a ser previstas missões nas retaguardas inimigas, sob a forma de reconhecimentos armados e os comandantes de unidades de infantaria repousavam suas esperanças na ação metódica dos grossos obuses que colocavam, suas granadas, uma a uma, sobre as casamatas inimigas.

c) *A ação aérea na retaguarda.*

Parece então que se chegou na Coreia a um eclipse parcial do apoio aéreo aproximado, em favor da artilharia. Os esforço aéreo, diurno e noturno, passou a ser feito um pouco mais profundamente no interior das linhas inimigas.

E esse esforço é, ao menos, plenamente coroado de êxito? Parece que não! Um documento foi

publicado em fins de 1951 pelo G.Q.G. de Tokio, a propósito dos efeitos de ação aérea aliada sobre a logística inimiga. Este relatório mostrava minudentemente, como a aeronáutica aliada, em ações diurnas e noturnas havia inutilizado os campos de pouso situados na Coreia, destruído periodicamente os arsenais e as usinas, incendiado os depósitos, pulverizado as obras darte, as estações, os trilhos das estradas de ferro e a rede de estradas de rodagem. Mas sua conclusão era muito desanimadora: em última análise, a aviação aliada, que durante um ano e meio não havia afrouxado um só instante sua ação sobre as retaguardas inimigas não havia logrado impedir que as tropas inimigas em linha recebessem todos os viveres, vestimentas, armas e munições de que careciam para combater.

Porém, se os exércitos sino-coreanos puderam se subtrair à ação mortífera de uma aviação potente, foi graças à sua fluidez e à falta de material motorizado. Pode-se dizer que a ação de uma aviação sino-coreana sobre a retaguarda das unidades da O.N.U. seria ao contrário bastante mais eficaz.

d) *A artilharia vista pelo inimigo.*

A eficiência de nossa ação aérea é um dos pontos sobre os quais é fácil pedir a opinião dos principais interessados, ou sejam, os chineses e norte-coreanos. Com os interrogatórios de prisioneiros nos revelam o que mais lhes aterrorizava em todo o arsenal das Nações Unidas: os aviões, os foguetes, as bombas, o napalm? Nada disso; apenas a artilharia e os morteiros!

Conforme expressão do Marechal Stalin, "a artilharia é o Deus da guerra". Em nenhum outro lugar, senão na Coreia, a justeza dessa apreciação se revelou melhor aos olhos de todos quanto lá combatem.

IX — CONCLUSÃO FINAL

Alguns observadores, apressadamente acreditaram ver, no decurso dos seis primeiros meses de cam-

panha, o exemplo de um exército moderno ricamente dotado de carros e artilharia, peiado pela abundância de seu material, batido e constringido à retirada por uma infantaria superior em número, e bem assim o fracasso do armamento pesado clássico diante do armamento portátil. O prosseguimento da guerra desmentiu totalmente essas conclusões prematuras.

Apresentamos uma interpretação totalmente diferente dos revezes de 1950: superioridade numérica esmagadora dos chineses, emprêgo constante da tática de massa, sem levar em conta as perdas, ausência de "front" contínuo, densidade muito fraca das unidades da O.N.U., inexistência de potência de fogo em virtude da falta de munição, a eficiência dos carros de combate reduzida a zero diante das dificuldades do terreno.

Os seis primeiros meses de 1951 provaram novamente que era verdadeiramente importante a necessidade da potência de fogo apoiando posições convenientemente organizadas, e ocupadas de maneira contínua e com uma densidade razoável. Esse período marcou o fracasso definitivo da tática de massa, em face dessa potência de fogo e, em particular, diante de uma artilharia que uma vez mais teve oportunidade de manifestar de público e de maneira convincente uma eficácia.

Os próprios sino-coreanos impressionados pela evidência destas conclusões, não somente renunciaram à sua tática de massa, mas ainda estabeleceram posições sólidas e contínuas, e trataram de aumentar constantemente sua potência de fogo recorrendo ao armamento pesado clássico.

A potência de fogo, noção essencialmente concreta e mesmo fisicamente mensurável, revelou-se novamente o elemento essencial da guerra.

Há no aparelho militar moderno noções dúbias e confusas, em número suficiente para permitir que se critique o atual conceito de potência de fogo; os carros e a artilharia não constituem de nenhum modo a sua parte preponderante.

Antes de os considerar obsoletos, é preciso estar em condições de substituí-los previamente por uma outra potência de fogo equivalente sob todos os pontos de comparação possíveis — potência destrutiva, consumo, duração, rapidez e permanência de intervenção, surpresa, alcance, precisão e preço de custo. A boca de fogo clássica, raiada, atingiu talvez, tecnicamente falando, o máximo de suas possibilidades, mas ainda não apareceu nenhum engenho que pudesse se comparar vantajosamente a todas aquelas características em conjunto.

Os combatentes serão os primeiros a aplaudir o aparecimento de novas armas nitidamente mais eficientes. Mas esperando esse dia bendito, imploram humildemente a graça de poderem continuar a receber o armamento em que possam confiar.

Na Coréia, como alhures, é pouco provável que uma infantaria, qualquer que seja o grau de aperfeiçoamento do seu armamento, no que se refere à potência e à portabilidade, pudesse um dia dispensar o apoio dos carros e da artilharia. No estado atual das coisas, a artilharia permanece como o único meio seguro capaz de deter o infante inimigo antes que tenha seu adversário sob o fogo de sua metralhadora e de suas granadas, e, por sua vez o carro continua como o único meio seguro capaz de deter o carro inimigo antes que esteja em condições de agir contra as nossas tropas.

(Fim)

